

# Cartilha ensina índios a explorar turismo

Texto do governo explica como moradores de reserva podem aproveitar atividade econômica

PABLO PEREIRA

O governo lançou ontem no Rio uma cartilha que ensina índios a explorar a indústria do turismo como fonte de renda para as comunidades. O texto dá dicas sobre como os moradores nas reservas

deverem receber os visitantes e os orienta a resolver problemas relacionados com a nova atividade, como tratamento do lixo produzido pelos turistas e eventuais doenças transmitidas pelos brancos no contato.

O Manual Indígena de Ecoturismo, redigido por técnicos do Ministério do Meio Ambiente, com apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai), tem 64 páginas. O documento foi apresentado no World Ecotour'97, encontro que discute o turismo ecológico como alternativa de mercado no RioCentro.

A cartilha é composta de quatro

partes. Na primeira, os técnicos descrevem para os índios o que é turismo, quem é o turista, do que ele gosta e sugerem atividades. A segunda parte do manual é feita de histórias, como uma vivida por uma etnia imaginária que hospeda um grupo de estrangeiros. Os técnicos incluíram na terceira parte folhas em branco para que os nativos desenhem ou escrevam as impressões que forem tendo das visitas e as enviem para os órgãos de governo.

O manual é encerrado com os cuidados que os novos empresários devem ter com o lixo abandonado pelos turistas. Os detritos são classificados em três categorias: seco, molhado ou orgânico e perigoso.

## INDIGENISTAS SÃO CONTRA ABERTURA DAS ÁREAS

**Reação** - A iniciativa do governo provocou calafrios em estudiosos da cultura indígena. Um dos principais indigenistas do País, Sidney Possuelo, funcionário da Funai, criticou a medida. Encarregado de frentes de contato com índios arredios, como os corubos, no Vale do Javari, fronteira do Brasil com o Peru, Possuelo é contra a abertura das áreas para o turismo.

**DICAS PARA OS NOVOS HOTELEIROS**

**Como os índios devem explorar o turismo**

<ul style="list-style-type: none"> <li>Construir hotéis rústicos para hospedagem fora das aldeias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Organizar visitas dos grupos às aldeias</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Vender pacotes para agências de viagens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Programar passeios com grupos por rios, matas e cachoeiras</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Treinar guias nas aldeias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exigir que os visitantes estejam vacinados</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Enterrar o lixo em buracos fundos e longe de nascentes</li> </ul>	

Fonte: Manual Indígena de Ecoturismo

O indigenista argumentou que o incentivo do turismo entre os índios é precipitado. "Eles estão sendo inseridos num mundo que não conhecem com uma velocidade muito grande", avaliou. Para Possuelo, a exploração do turismo nas aldeias como fonte de renda para as comunidades segue a tendência do governo de "terceirizar tudo".

De acordo com Possuelo, "o governo quer tirar do Estado responsabilidades que são do Estado". Ele acredita

que, "por isso, algumas comunidades talvez se sintam economicamente pressionadas".

Ele considera a exploração do turismo nas reservas com a intenção de fazer dinheiro para melhorar o padrão de vida nas aldeias um equívoco como o do garimpo e o das madeireiras. "Os que chamaram os madeireiros e depois os garimpeiros para as áreas indígenas também poderiam ter tido boas intenções", argumentou. "Esses povos hoje vivem es-

pezinhos."

Para o indigenista, a visitação de turistas às áreas deveria ter sido discutida nas academias. "Isso deveria ser debatido nas universidades, com pessoas que entendem do assunto e podem avaliar bem os impactos", explicou.

Os prejuízos do assédio dos ecoturistas, efeito que os técnicos do governo argumentam ter discutido num workshop antes da redação da

cartilha, são tidos como certos por outros especialistas. "Vai esfacular a estrutura interna dos povos", afirmou Marina Wenceslau, doutora em história social pela Universidade de São Paulo (USP). Ela conhece como poucos os reflexos negativos da sociedade dos brancos sobre a dos índios.

**Temor** - Marina Wenceslau estuda a ocorrência de dezenas de suicídios registrados entre jovens nas aldeias guaranis dos caiovas, na região de Dourados, em Mato Grosso do Sul. "Não há dúvida que haverá prejuízos", disse a pesquisadora, comentando o incentivo do turismo nas áreas

de reserva. Trabalhando com educação de crianças numa aldeia de outro povo, os cadiueus, no Pantanal, a professora considera a confecção da cartilha do governo "no mínimo, esquisita".

"Se isso alcançar os cadiueus no Pantanal, eles vão perder a paz", analisou. "Até a presença de estudiosos preparados para a pesquisa provoca alterações nas comunidades", argumentou.

## PARA ESPECIALISTA, COMUNIDADES DECIDEM

"Há uma enorme diferença em você visitar um parque e uma área indígena", ponderou Lúcia Andrade, da Comissão Pró-Índio, de São Paulo. "Soa estranho isso", disse Lúcia, surpresa com a decisão do governo de editar o manual.

"É preciso ter cautela", acrescentou.

Para uma dirigente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab), Maria do Carmo Trindade Serra, o turismo liberado em terra indígena é prejudicial. A dirigente admite, entretanto, que há povos, como os tucanos, que querem a liberação da exploração do turismo. "São as comunidades que devem decidir", afirmou.

## Ministério tem empréstimo do BID

RIO - O Ministério do Meio Ambiente obteve um empréstimo de U\$ 10 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para explorar o potencial turístico da Amazônia, incluindo aí as tribos indígenas, segundo anunciou o ministro Gustavo Krause, que abriu ontem o World Ecotour'97, no RioCentro. Parte do dinheiro já foi usado para a edição de um manual para ensinar os índios da Amazônia a encarar o turismo ecológico como forma de ganhar dinheiro e preservar o ambiente.

Krause afirmou que o ministério ainda está negociando mais U\$ 200 milhões com o BID para desenvolver o projeto de ecoturismo na região. Com os U\$ 10 milhões que já foram liberados, o ministério também criou nove pólos de ecoturismo em cada um dos Estados da Amazônia Legal e produziu jogos sobre a região com os aspectos da fauna e da flora destinados para 35 mil alunos de 1.º grau.

O ministro afirmou que o manu-

al serve como estímulo para a preservação das tribos indígenas, porque o turismo começa a ser feito de maneira inteligente e respeitando as particularidades de cada povo.

O ecoturismo é um mercado que movimenta 20% do mercado de turismo no mundo por ano, segundo informou o secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), Francesco Frangilli, que participou da abertura do encontro. A cada ano, 595 milhões de turistas desembarcam em diferentes países do mundo, o que dá origem a um mercado que movimenta U\$ 420 bilhões.

Segundo ele, geralmente, as pessoas que fazem ecoturismo são de alto poder aquisitivo e estão interessadas em associar melhoria de qualidade de vida com preservação da natureza. Ele afirmou que a prática de ecoturismo no Brasil ainda é tímida se o quadro for comparado ao de países europeus e ao da Austrália.

